

Apontamentos da Escola de Comunidade com Julián Carrón em ligação vídeo a partir de Milão, 17 de junho de 2020

Textos de referência: J. Carrón, Introdução. O que é que nos arranca do nada? e L. Giussani - S. Alberto - J. Prades, Gerar rasto na história do mundo, Paulus, Lisboa 2019, capítulos 1. "O acontecimento cristão como encontro" e 2. «A permanência do acontecimento na história» (pp. 13-105).

- *Marta, Marta*

Glória

Boa noite a todos. Temos como tema a *Introdução* do novo texto que estou a preparar e sobre o qual já começámos a trabalhar. O texto entrelaça-se com tudo o que estamos a viver (é belo ver como constantemente nos desafia) e com a provocação que vem do *Gerar rasto na história do mundo*. Começamos então.

Depois de uma experiência difícil que atravessei, percebi que o facto de viver plena e serenamente a vida não pode depender das circunstâncias. É possível que as circunstâncias não me sejam favoráveis. Então o que é que faço? Mexo-me para que mudem, "porque assim estarei melhor". Entretanto vivo em apneia, seguindo em frente. As coisas podem não se resolver. E ainda que se resolvessem, tenho o receio de que isso possa não me bastar. Quem é que disse que as coisas correm como numa comédia americana? É possível que corram como numa tragédia grega! E então? Estamos destinados a viver com tristeza? Não consigo acreditar nisso! Por isso, pressionado pela realidade que estou a viver, desejo aceitar o convite do movimento para "viver intensamente o real" como itinerário para o significado último. O real!!! Não o sonho, não a ilusão daquilo que virá ou o arrependimento daquilo que passou. Queria perceber, a esta altura, o que significa concretamente este "viver sempre intensamente o real" na minha vida, no meu quotidiano. Não quero que se torne um slogan vazio. Evidentemente, não se trata de obrigar-me a gostar da realidade: se é hostil, é hostil e pronto. Alguns amigos sugeriram-me que visse o lado positivo. O que é que há de positivo numa situação que se complica cada dia mais? Não é este o caminho: a realidade poderia não ter sequer um vislumbre de positividade, entendida como "agradabilidade" das circunstâncias. Não se trata tampouco de acrescentar uma devoção maior, que às vezes parece um penso rápido aplicado a posteriori. Então, o que significa "viver intensamente o real"? Qual é o caminho? Em que me devo focar?

Com esta pergunta, começamos o percurso desta noite, porque as circunstâncias nos desafiam a todos, e para nós não é suficiente, não nos basta vivê-las de qualquer maneira: queremos vivê-las ao máximo, não apenas repetir um slogan, ainda que verdadeiro, como "viver sempre intensamente o real" ou seguindo o conselho de olhar para o lado positivo, quando em muitas ocasiões parece não haver um vislumbre sequer de positividade. Em vez de te responder teoricamente, com uma explicação, hoje à noite faremos um percurso juntos para descobrir, à medida que vamos caminhando, através das intervenções, adicionando uma peça de cada vez, o que significa, de facto, "viver sempre intensamente o real" (L. Giussani, O sentido religioso, Verbo, Lisboa 2002, p. 151).

"Há Alguém que abraça o nosso grito..." Vejo o risco de reduzir este abraço a uma coisa sentimental, com a consequência de que se não o "sinto", então "sinto-me" abandonada e a escuridão avança. Recentemente, numa circunstância, descobri a minha imaturidade: com

cinquenta anos já bem passados, ser ainda assim é humilhante. A multidão que vive em mim tentava fazer-me calar: "deixa estar, segue em frente, a tua consistência não é aquilo..." Sim, mesmo com palavras importantes, verdadeiras, a multidão dentro de mim e fora de mim pode gritar para me fazer calar, aborrecendo-se diante do meu limite ou pode abraçá-lo de um modo sentimental que não serve para nada. Eu preciso de entregar a minha pobreza, mesquinhez, repugnância nas mãos de alguém com nome e apelido, de alguém que veja o meu desejo de não ficar presa no limite. Por isso, que olhe (e me ajude a olhar) para o meu limite como ocasião para caminhar. Então pensei que o abraço do meu grito é conduzir-me passo a passo para a realização, partindo do ponto em que estou, através de todas as circunstâncias e das minhas reações a elas. Gostaria que tu aprofundasses a questão do abraço do grito. Obrigada pela tua amizade.

Veem? Ouvimos esta frase - "Há alguém que abraça o nosso grito" - e podemos percebê-lo como sentimental, reduzindo-a à reação sentimental que provoca. Mas, obviamente, isso não é adequado à nossa urgência, ao nosso grito. Então, perguntamo-nos: como não reduzir o abraço a uma coisa sentimental? Caso contrário - como tu dizes - permaneceremos à mercê da multidão que está dentro e fora de nós, como se vivêssemos sacudidos de um lado para o outro pelas coisas à nossa volta. Tu queres colocar toda a tua pobreza nas mãos de alguém. Porquê? Porque precisas de alguém que te guie passo a passo em direção à tua realização. O amigo de há pouco queria perceber o que significa "viver sempre intensamente o real", e agora tu observas que o maior abraço de que realmente precisas é de alguém que te mostre uma maneira de viver as circunstâncias como ocasião de construção de ti. Trata-se de perceber um abraço sem precisar de sair das circunstâncias em que nos encontramos. E assim, com este teu desejo, comesças a fazer um caminho que te leva a reconhecer Aquele que te abraça, não de maneira sentimental, mas de maneira real, ultrapassando a redução de que falaste.

Neste período, como tanta gente, fui obrigado a estar parado. Estou reformado, devia estar habituado a isso, mas não! A paragem forçada faz-me ver que não via nada. 50 anos no movimento e descubro hoje que vivi tudo como se nada fosse, aprendendo de cor os discursos e aproveitando a companhia para meu uso e proveito. Porque pondo à prova o que é que determina os meus dias, agora que já não tenho reconhecimentos, tenho de admitir que a tentativa de consolação das performances é desesperada, deixa-me sempre com fome e vazio. "De que falta é esta falta?", como tu nos recordavas citando Mario Luzi? Não posso fazer batota, porque percebo que a minha atitude é fugir da realidade sonhando ou colocando hipóteses, é como viver hoje, mas a pensar sempre no depois, por isso nunca vivendo o instante. É mesmo o nada que impera. Aliás, logo de manhã acordo com uma raiva de expectativa desiludida. É isto o niilismo? É por isso que o meu pedido de ver e de apreciar a presença de Cristo fica sempre sem resposta? Percebo que nada vale senão Ele, mas enquanto o penso, já me estou a ir embora com o meu projeto. É esta espécie de patologia que me perturba e pergunto-te: como é que o coração pode estar aqui, não ali, mas aqui onde o Senhor me pôs? Como fazer experiência d'Ele? Dizendo sim ao quê? Aos factos do dia tão aparentemente maçadores ou então, em oposição, às minhas expectativas? É isto dizer sim?

Obrigado, amigo, porque o que tu nos dizes pode ser reconhecido em muitas ocasiões também por cada um de nós, de tal modo é verdade. Podemos permanecer no movimento durante anos memorizando discursos e aproveitando a companhia; mas posto à prova o que determina os nossos dias aparece em evidência o que tu dizes. Por esse motivo, não é óbvio que tu, assim como a amiga que te precedeu, desejases fazer um caminho. Não é óbvio que não estejamos satisfeitos em repetir certas palavras ou em fazer tentativas consoladoras que nos deixam ainda mais vazios e com fome, mas desejamos algo que realmente responda a toda a urgência do nosso coração. E o facto de não podermos fazer batota diz muito de como é real essa urgência. Tu percebes que a tua atitude é fugir da realidade sonhando e viver sempre a pensar no depois;

é uma incapacidade de viver o real que muitas vezes percebemos em nós mesmos, estando sempre "fora", sempre a sonhar com outra coisa. Um personagem de Graham Greene lembra-nos isso: "Para mim, o presente nunca está aqui" (G. Greene, O fim da aventura, Edições ASA, Lisboa 2000, p. 80). A realidade reduz-se a alguma coisa que já aconteceu ou que está para acontecer, mas nunca está - como dizes - "aqui". É essa situação que tentamos descrever com a palavra "niilismo"; se não gostam, usem outra, mas a realidade não muda: atirados de um lado para o outro, sem saber como sair da situação. Nem mesmo pensar na palavra "Jesus" é suficiente. Com que impressionante lucidez disseste: "Percebo que nada vale senão Ele, mas enquanto o penso, já me estou a ir embora com o meu projeto", como se não houvesse um único instante em que esse nome tivesse um domínio total sobre nós. Então surge a pergunta: "Como fazer experiência d'Ele? Dizendo sim a quê? " Vamos descobri-lo pouco a pouco.

Agradeço-te pela companhia que nos estás a fazer neste período, com todos os instrumentos que nos ofereces para trabalhar sobre nós próprios e não nos deixarmos ir andando. Nasceu em mim uma pergunta sobre o desejo: "Quanto mais o niilismo avança e quanto mais se torna evidente a impossibilidade de viver sem um sentido, mais se faz sentir o desejo indestrutível de sermos queridos, de sermos amados". Na Introdução dizes que o que vence o niilismo é este desejo que não se apaga. Se eu olho para mim, percebo que em mim este desejo absoluto se manifesta na vida quotidiana em tantos pequenos desejos ligados ao embate com as circunstâncias em que vivo: a necessidade de ser eu própria no trabalho, a necessidade que aquela pessoa olhe para mim, que o estudo possa ter um sentido, que aquela relação difícil seja salva. Muitas vezes, porém, é mais fácil fazer prevalecer as nossas objeções, as nossas desculpas para não seguir estes pequenos e às vezes incómodos desejos. É mais fácil deixar-se arrastar pelas circunstâncias do dia sem nos incomodarmos. Vejo que ouvir e seguir os nossos desejos exige um risco, um implicar-se, um esforço em relação às nossas próprias feridas e ao que é urgente. Mas muitas vezes tenho medo. Ou simplesmente não me apetece. Por isso pergunto-te: o que permite não ter medo do nosso desejo? Porque eu sei que quando arrisco e o sigo, sou mais feliz!

Tu acrescentas uma peça ao que estamos a dizer, porque começas a perceber que, mesmo que as coisas que contas aconteçam, há algo que resiste: o desejo não acaba; e intuis também que isso é muito significativo para ti. Por um lado, vês todo o teu desejo emergir, mas, por outro lado, às vezes tens medo dele. É impressionante! Quando alguém descreve a sua experiência, se prestar atenção, vê emergir a pouco e pouco a estrutura do eu. Então, o que nos permite não ter medo do desejo?

Tenho que te contar uma descoberta deste período que me entusiasmou. Quando li o 3º parágrafo da Introdução, depois do início sobre o niilismo, estava à espera que o "resgate" acontecesse pelo irromper de alguma coisa como um acontecimento, um encontro. Por isso não estava à espera da tua afirmação: "Qual é então o primeiro gesto de quem não quer viver fugindo de um problema que não sabe resolver? Reconhecer, precisamente neste contexto de vazio de sentido, que há alguma coisa de irreduzível, que resiste ao niilismo. [...]O que é que resiste? O meu eu, irreduzível", como documenta Michel Houellebecq. Impressionava-me que tu dissesses que este é o primeiro movimento, porque eu não diria o mesmo, não pensaria nisso como o primeiro movimento, por essa razão ler este parágrafo foi verdadeiramente uma "surpresa", tal como o título do parágrafo – "A surpresa" - afirmava. O mais interessante é que aconteceu um episódio que me fez compreender a importância da questão. No dia seguinte a ter lido este texto, um domingo, fui fazer um pic-nic com alguns amigos. Há muito tempo que não nos encontrávamos, tínhamos vontade de nos encontrarmos. A certa altura um de nós disse: "Que chatice, amanhã tenho de voltar ao escritório!" Esta afirmação que já ouvi vezes sem fim e que, também eu, tantas vezes disse, inesperadamente impressionou-me: aqui está,

pensei, nós dizemos uma frase deste tipo e nem nos damos conta da importância que tem, reduzimo-la a um lamento, a um desafogo normal e óbvio que todos fazem e que também nós podemos fazer ao domingo à tarde. Se, pelo contrário, a víssemos na sua verdade, aquela frase seria expressão do coração que não se contenta, é expressão da irreduzibilidade do eu que diante da hipótese de uma dificuldade, de um mal-estar no trabalho, não quer isso, porque o nosso eu é feito para ir para o trabalho feliz, com gosto por ir. E como algumas coisas nos parecem impossíveis, rendemo-nos a que o sejam e assim já não nos apercebemos do grito do coração. Como dizes no texto da Introdução: "A razão deste desencorajamento, desta dúvida, é que temos como óbvia a existência do grito do coração, daquele desejo que resiste a qualquer niilismo". Temos uma ideia da irreduzibilidade do eu como se devêssemos ser super-heróis quando, ao contrário, a irreduzibilidade está mesmo naquela ferida, naquele grito. Porque é que é tão importante apercebermo-nos disto? Porque, se isso acontecesse, seria esse o ponto, o início do resgate, porque tu não te podes contentar em ir trabalhar e não desejar ser feliz! Se não dêssemos por óbvia aquela afirmação, começaríamos a gritar, sem nos contentarmos, mas procurando a resposta que o coração procura e que, por isso, não pode não existir! Nós culpamos muitas vezes Deus (ou o destino) por uma falta de resposta dentro das circunstâncias, mas o problema é, ao contrário, que nós nem sequer nos metemos a caminho para a procurar! Por isso, dar-se conta da permanência do desejo é o primeiro movimento. Nunca tinha percebido deste modo a tua insistência sobre o desejo que permanece quando citavas Houellebecq e percebo agora que, sem passar por esta experiência, o 4º ponto da Introdução (Um "tu" que acolhe o grito) seria uma coisa artificial, cujo valor seria impossível alcançar. Se calhar até o sabemos de cor e conseguimos reproduzi-lo, mas se não te dás conta que o teu coração deseja o impossível como diz o Calígula de Camus, e que tu não és capaz de obter o impossível, nunca te aperceberás que podes gritar, e não te aperceberás que a nós aconteceu-nos encontrar Alguém que tornou possível o impossível e que te disse: "O que queres que Eu te faça?" Muito obrigada por tudo e sobretudo por nos permitires fazer estas descobertas.

Vês? A primeira coisa que te surpreende é que tu terias respondido de maneira diferente, tendo dado este ponto como óbvio, aquele recurso que está já no centro do eu, irreduzível. Esta é a ajuda que damos uns aos outros na Escola da Comunidade: fazendo uma comparação constante entre a maneira como nos movemos habitualmente e afirmações como "viver sempre intensamente o real" ou "um "tu" que acolhe o grito". Não é que não falemos todos das mesmas coisas e não repitamos as mesmas frases; mas é como se as sentíssemos anexadas à vida, porque não percebemos o alcance de uma afirmação como a da irreduzibilidade do eu, que nos pode parecer o "portanto" lógico de um discurso e não como uma coisa real que responde à pergunta sobre a natureza do nosso eu. Felizmente, a irreduzibilidade - desculpa o trocadilho - é irreduzível e não podemos fingir que não existe, porque não nos permite fazer batota. Se nos deixasse fazer batota, então sim, realmente acabaríamos no nada dos nada! É precisamente o facto de este eu ser tão irreduzível que nos faz perceber constantemente que há algo em nós que resiste a qualquer niilismo.

Mas no que tu disseste, há outro dado que devemos perceber. Sem te dares conta, foste para além daquela irreduzibilidade. Tu disseste que se não entendemos que o nosso coração deseja o impossível e que somos incapazes de o alcançar, não podemos perceber que podemos gritar, acrescentando que te aconteceu encontrar Alguém. Tu introduzes o tema do encontro, passando da irreduzibilidade para o encontro, mas saltas um ponto da *Introdução* que impede que o encontro seja percebido como uma palavra que anexamos à vida. Esta é a razão pela qual tantas pessoas acharam este ponto do percurso tão complicado: é precisamente da irreduzibilidade do eu que nasce o grito, mas isso, diz Giussani, é incompreensível para muita gente.

Uma pessoa que não podia ligar-se hoje à noite escreveu: "Peço que expliques melhor o ponto 3 da *Introdução*, em particular esta afirmação de Giussani:" A afirmação da existência da resposta "está implicada no facto mesmo da pergunta." E tu dizes: "Por mais misteriosa que

seja, a resposta existe. Está implicada na pergunta. [...] se existe o grito, existe a resposta ". Eu tenho dificuldade em perceber esta frase precisamente como uma categoria de razão: porque é que a resposta está implicada na pergunta? A pergunta não poderia existir sem resposta? “. Como não conseguimos resolver esta questão, acabamos por pensar no Tu como anexado à vida e no Seu abraço como uma coisa sentimental (o mesmo se aplica ao encontro ou à companhia). É por isso que não podemos saltar por cima desta passagem. O contributo continua: "Além disso, se, como tu escreves, a resposta última está para além das modalidades existenciais que podem ser experimentadas, significa que eu tenho que procurá-la em qualquer coisa sobrenatural, que não é do mundo que pode ser experimentado, portanto tangível [isto é, fora desta irreduzibilidade]? Pergunto-te também porque, pela dificuldade de encontrar uma resposta completa ao meu desejo de felicidade, acho que suprimi a pergunta». A amiga de há pouco tinha acrescentado outra pergunta à intervenção que tinha preparado e que leio agora: “"O pedido de significado está implicado na resposta": muitas vezes experimento a existência da necessidade como irreduzível, mas como é que isto pode já garantir a existência da resposta, para mim é uma contradição». E uma vez que pensamos que é uma contradição, no fim o que é que acontece? Que o Tu é percebido como anexado à vida, que o abraço do Tu é percebido como sentimental, que não compreendemos o que realmente significa "viver sempre intensamente o real", e então procuramos a nossa realização noutra lado; e no momento seguinte sucumbimos aos nossos projetos.

Pensar na relação pergunta-resposta fez-me perceber muito melhor a importância do que está verdadeiramente em causa ao insistir, neste momento histórico, na questão do desejo, da pergunta. Porque a pergunta revela a estrutura humana e traz consigo, implicitamente, a demonstração da existência da resposta. De facto, a natureza ilimitada da pergunta, num ser limitado, é indicativa de uma medida ilimitada que foi posta nele por outro, por outro mais além, pela resposta. E esta é a origem da estrutura ou natureza infinita da razão. Neste sentido percebo o objetivo de nos debruçarmos sobre algumas frases de Houellebecq, não tanto por revelarem uma religiosidade genérica, mas porque demonstram a estrutura da razão que é própria do homem e assim o remeter para a resposta, porque é impossível não nos perguntarmos sobre a origem da própria pergunta, isto é, o porquê do input que a põe em marcha. É necessária uma tomada de consciência contínua de quem é o homem. Da sua grandeza e predileção dentro da Criação. (“Que é o homem para que Vos lembreis dele” e Vos lembreis dele agora?). O facto de Houellebecq chegar a formular uma certa pergunta, exprimir uma tal exigência, é para mim sinal, também nele, de uma graça em ação, à qual, num certo sentido, ele, por seu lado, responde através da sua pergunta e que o torna plenamente humano. Dou-me conta que devemos aprender a perceber verdadeiramente as questões de que tratamos, ao menos como tensão (claro que mesmo isto é um dom, mas que requer de nós o uso da atenção e da razão), para que as nossas respostas não sejam ao lado, sem ligação.

A coisa que damos como óbvia é a mais evidente de todas, como todos os que intervieram até agora documentaram: não poderiam ter dito o que disseram (dar-se conta da insuficiência das *performances*, perceber uma possível redução sentimental, perceber que não é suficiente uma resposta qualquer), se não tivessem em vocês mesmos essa irreduzibilidade, essa urgência que vos faz gritar. É precisamente essa urgência tão excepcional, tão singular, que nos deixa chocados de tal forma é grande (como dizia Leopardi: "Tudo é pouco e pequeno para a capacidade da alma"; Pensieri, LXVIII), é o sinal mais claro da grandeza do homem. É preciso perceber isto, não pode ser dado como adquirido, porque é o dado absolutamente mais elementar - não podemos falar de nada sem o implicar -: esta irreduzibilidade, este grito, é a documentação, a "demonstração" de outra coisa. Porquê? Porque nós não nos podemos dar esta estrutura última a nós mesmos, pois somos limitados. Como é que existe uma coisa tão única

na estrutura do nosso eu, se todos somos limitados e, portanto, incapazes de no-la dar. Quem conseguisse encontrar alguma coisa à altura da irredutibilidade do homem teria descoberto não apenas a vacina para o Covid-19, mas a resposta para o problema da vida! No entanto, isto passa por nós, despercebido. Todos nós estudámos - como os nossos amigos disseram: anos e anos de movimento! - *O sentido religioso*, cada um pode contar quantas vezes o leu, mas é como se este ponto não conseguisse passar, não conseguisse tornar-se experiência em nós. Por isso, quando Giussani diz uma frase como a da existência da resposta implicada na pergunta, nós vemos como é outra coisa em relação ao que pensamos. É por isso que, por um lado, fico surpreendido com a nossa dificuldade de compreensão, mas por outro lado, positivamente, vejo o que acontece quando as pessoas descobrem o alcance desta afirmação nas suas próprias vidas, como diziam antes as nossas amigas. Interessa-me que o nível existencial da questão apareça, porque a reflexão de Giussani não é uma reflexão abstrata.

Na última Diaconia pressionaste-nos com a pergunta «O que é que quer dizer que a certeza da resposta está implicada no grito da pergunta?» Impressionou-me muito a tenacidade com que tu nos impulsionaste a todos para não saltar os nexos, a não dar por adquiridas as nossas respostas, mesmo aquelas que estavam certas. Na noite do dia seguinte encontrei-me com dois amigos. Ponho em cima da mesa a tua provocação e começa imediatamente um diálogo aceso que faz vir ao de cima como estamos desabitoados, eu em primeiro lugar, de usar a razão. Por exemplo, há quem diga «é impossível. Não posso dizer que a resposta está já na pergunta, é preciso o encontro para que entre a resposta».

Veem o salto, a mudança constante? Se fazemos assim, a frase de Giussani é impossível de perceber.

Naquela noite reli grande parte d'O sentido religioso. Lia aquelas páginas como se fosse a primeira vez na minha vida. Tudo me surpreendia e me falava mais, me questionava, e a irredutibilidade do eu, a experiência do nosso limite e a necessidade de afirmar «outro» emergia como o fundamento de tudo.

Fundamento! Esta é a questão. "Este é o fundamento de tudo". Giussani apreendeu um ponto crucial, e se nós nos separamos dele acabamos no nada. Se saltamos um dado que é totalmente consoante a nossa natureza – a irredutibilidade do eu -, reduziremos a experiência cristã ou o Tu de que falamos.

Tinha a necessidade que se tornasse meu experiencialmente.

Esta é a questão, ou seja, que essa frase se torne minha na experiência. Por essa razão, aqueles que entrevistaram hoje à noite estavam certos: é preciso alguém que me ajude para que as coisas se tornem minhas passo a passo, para me ajudar a perceber na experiência quotidiana o que significa "viver sempre intensamente o real". Esta é a única maneira de se tornar minha, não basta repetir frases vazias de experiência, como dissemos antes.

No dia seguinte, ainda não em paz, conto à minha mulher e pergunto-lhe: «tu o que dizes: a resposta está já dentro do grito?» Ela diz-me: «Sim, claro, também mo dizia o meu colega de matemática, que é ateu, mas é um génio: "Recordo-me bem do momento em que, não encontrando um axioma matemático que respondesse às perguntas que tinha, tive que parar de as fazer, porque se não tinha de afirmar a existência de outra coisa". Fiquei siderado.

Percebem? Aquela pessoa tem de bloquear as perguntas, caso contrário, seria forçada a "afirmar a existência de outra coisa". Aquele professor de matemática compreendeu o significado do que Giussani diz: tanto a resposta está implicada na pergunta que, para o negar, tem de virar a cabeça para outro lado! Mas quando usa a razão corretamente, não pode deixar de perceber como implicada na pergunta "a existência de outra coisa", isto é, da resposta.

Estou a começar a compreender porque é que tu dizes que te exaltas perante as perguntas. Tinhas razão. Por isso te agradeço.

Este é o primeiro fruto de uma educação que nasce precisamente do carisma, uma educação que pode gerar um sujeito unido. Que exista a resposta está implicado no grito. Que ela entre na história, isso é uma coisa diferente. Não devemos confundir as duas coisas. Um amigo, que compreendeu o alcance deste ponto da *Introdução* de um ponto de vista existencial, escreveu-me: "Que a "existência da resposta "esteja" implicada no próprio facto da pergunta "é uma daquelas afirmações de *don* Giussani que sempre me surpreenderam e fascinaram; mas, para dizer a verdade, nunca fiquei completamente convencido [não ficar completamente convencido é exatamente o que nos causa problemas, o que faz com que tudo acabe no nada], nem racionalmente nem, acima de tudo, experimentalmente. Abriu-se uma pequena brecha há algumas semanas, quando reli a tua intervenção na qual explicaste (sintetizo com palavras minhas): se temos apenas a experiência do efémero e do particular, como é que temos a exigência do eterno e do total? [Finalmente, uma pessoa que se faz esta pergunta, que não dá como adquirida esta irredutibilidade, esta necessidade de totalidade!]. Tem de ter sido introduzida por Quem é eterno e total. Mas então - pensei – o meu desejo não é apenas um vazio ou uma falta, o meu desejo é o sinal da presença em mim deste Outro, é uma centelha do Seu fogo que – na relação com cada pedaço da realidade, que é também toda Sua,- me chama a Si. É desde esta altura que me descubro com o desejo de conhecer e estar com este Outro, com este Tu [uma vez que o descobriu como real, porque implicado na sua pergunta, não quer outra coisa se não conhecer e estar com este Tu], simultaneamente presente e ausente, mas não é isto o amor? [Quando alguém está apaixonado e vibra com nostalgia pela pessoa amada, não está ela presente e, ao mesmo tempo, falta? Quem poderia negar que a nostalgia, como sempre digo, é um sinal de outro?] "Desde a manhã, ó Deus, faz-nos sentir o teu amor ", dizia a antífona das Laudes de quinta-feira [vê-se que aconteceu alguma coisa porque até a maneira de rezar começa a ser diferente]. Foi a explicação do que acabara de acontecer comigo: como quase sempre na minha já longa vida, naquela quinta-feira acordei com um mal-estar, com o medo de começar o dia [quantas vezes o medo se insinua já no despertar!], com o desejo niilista de mergulhar de novo no sono. Mas naquela manhã, pela primeira vez, dei por mim dizendo-me que tudo isso não é uma negatividade a superar, mas é Ele, o meu Amor, que me chama». Este amigo não chegou aqui à força de pensamentos, mas porque começou a dar-se conta que aquele desejo - assim como todos os outros pontos que surgiram hoje à noite: "irredutibilidade", "pergunta", "viver sempre intensamente o real" - não é apenas uma palavra, porque se tornou experiência, e então o Tu já não é uma coisa anexada ou sentimental. Quando uma pessoa percebe que tudo isto começa realmente a acontecer, "pela primeira vez" na sua vida é o sinal de uma mudança crucial. Por isso, amigo, me preocupo tanto com esta questão, porque de outra forma é impossível reconhecer que temos uma âncora em nós, quase apesar de nós mesmos, apesar de todas as nossas ânsias, todos os nossos altos e baixos, todas as nossas alternâncias sentimentais. Há algo mais profundo e estrutural em nós que grita "Outro". E o grito é precisamente o sinal da presença em mim deste Outro, uma centelha d'Ele que me chama a Si: "Mas não sentes a Minha falta?". Deus não nos envia um anjo para no-lo perguntar, mas grita-o das nossas entranhas! É por isso que me impressionou uma frase de Karen Blixen que o exprime sinteticamente: "Até agora ninguém [...] viu as aves migratórias encaminharem-se para esferas mais quentes que não existem, ou rios desviar-se através de rochas e planícies para correr para um oceano que não pode ser encontrado. Porque Deus não cria um desejo ou uma esperança sem ter uma realidade pronta para os cumprir. O nosso desejo é a nossa certeza, e abençoados são os nostálgicos, porque voltarão para casa "(cf: K. Blixen, *Capricci del destino*, Feltrinelli, Milan 2003, pp. 50-51). É isto que vibra em nós.

Quando uma pessoa percorre assim o caminho da vida, o que acontece?

Esta Introdução mexeu comigo, está a fazer-me reler profundamente a minha vida. Sempre percebi como demasiado forte a ferida de uma falta "ardente" na experiência das coisas

quotidianas... tanto que nunca fui capaz de apreciá-las plenamente, e nalguns momentos da vida essa insatisfação tornou-se patológica, tanto que me confirmava que eu estava errada por ter estas perguntas...

Percebem a questão?! Nós chegamos a achar que estamos errados por causa de uma falta “ardente” que sentimos em nós.

Como é que este pedido de plenitude pode ser encarado sem cair na conclusão decepcionada de não encontrar nada à sua altura? Como podemos encarar como um recurso este desejo incómodo, sem que se torne uma tristeza que fecha, mas sim que abra à relação com Ele? Às vezes parece que, não encontrando uma satisfação plena, temos de remeter o pedido de plenitude para um futuro além da vida... O facto de o real que nunca satisfaz exacerbar a pergunta parece levar à conclusão de que então nada basta e, portanto, nada vale, perdendo assim também as coisas que tenho nas minhas mãos. Eu quero poder desfrutar de toda a beleza da realidade agora, não para além dela... Até com os amigos e o meu marido, que são um sinal da Sua presença, tinha às vezes a pretensão de que pudessem realizar a minha necessidade imensa de ser amada, totalmente, aqui e agora, enquanto que, na sua frágil humanidade, são apenas o sinal de um amor enorme ao qual aspiro. Mas preciso de algo concreto, senão parece-me que tenho de imaginar a presença de Jesus que me realiza de modo abstrato.

“Imaginar a presença de Jesus que me realiza de modo abstrato”. Percebem? Não é que ela não tenha encontrado Jesus, mas isso é percebido como algo abstrato.

Eu vejo que para ti é real, ao passo que para mim corre o risco de ser uma abstração. Mas a experiência destes meses de lockdown tornou evidente que, dentro da dramaticidade da situação mundial, eu não estava abandonada: as coisas existiam e podiam não existir, tudo se tornou mais precioso; o meu marido, com quem ultimamente estava de modo óbvio, tornou-se uma companhia profunda do Mistério próximo de mim, o nosso quarto filho, que nasceu em plena pandemia, foi um sinal claro da Sua graça gratuita na nossa vida. Fiz quarenta anos, sem festa nem amigos, mas cada “parabéns” que recebi tinha um peso novo, como nunca tinha tido. O trabalho do meu marido, que está parado, tornou evidente que era uma graça tê-lo, antes. Como manter este olhar de graça que, no afrouxamento da emergência, corre o risco de decair? Como pode este período ser um ponto de não-retorno, como pode ditar um novo início? Obrigada.

Agradecemos-te, porque ligaste a tua “falta ardente” (tão forte que uma pessoa se sente errada) com a urgência de viver agora sem adiar só para o além a sua realização. Porque isto não é correspondente à experiência que fazemos, uma vez que somos feitos, como disseste, para desfrutar agora, agora. Tens razão: agora, não apenas no além, mas já desde agora! Se de algum modo não desfrutamos da resposta já desde agora, quem nos garante que ela possa existir no além? “Eu quero poder desfrutar de toda a beleza da realidade agora, não para além dela”, disseste, porque não queres remeter o pedido de plenitude apenas para uma plenitude futura. E qual é o sinal de que estamos a remeter para o futuro a resposta ao pedido, por exemplo, nas relações com as pessoas? O sinal mais evidente – como identificaste com perspicácia – é a pretensão. Quando não vives no presente algo que te satisfaz e te realiza, então pretendes dos amigos, do marido, de tudo. É inevitável, acontece com todos nós, não é um problema só teu. Se a questão não é resolvida, será inevitável ter sempre uma pretensão, gerando mais problemas do que aqueles que queremos resolver, em nós e nos outros, porque o outro não só não nos realiza, mas percebe toda a pretensão que temos sobre ele. Mas, o que é que descobriste nesta pandemia, durante o *lockdown*? Que é possível viver de outro modo: quando alguém começa a dar-se conta de que o outro é a modalidade através da qual o Mistério se torna presente – assim como se torna presente no grito, como se torna presente no desejo, como se torna presente no filho recém-nascido –, toda a realidade se torna diferente, tanto é verdade que tu perguntas: “Como manter este olhar de graça que, no afrouxamento da emergência, corre o risco de decair? Como pode este período ser um ponto de não-retorno, como pode ditar um novo início?”.

Muitos fazem esta pergunta. Esse olhar novo que tu percebeste pode tornar-se uma mudança estável, até se tornar familiar, se somos introduzidos a ele através de uma educação.

A pergunta da primeira intervenção desta noite encontra agora a resposta completa: “Viver sempre intensamente o real” significa não ficar na aparência, mas chegar até o Mistério para o qual remete, de que são sinais o grito, a irredutibilidade, o bebê recém-nascido, tudo. Então já não tratamos o marido com uma pretensão, porque não é ele que pode preencher o abismo que somente um Outro, Alguém maior do que nós, pode preencher. A irredutibilidade que nos constitui e a nossa exigência de totalidade não se contentam a não ser com uma resposta exaustiva. Caso contrário, não o percebendo como a demonstração evidente da existência do Tu, “viver sempre intensamente o real” – quantas vezes repetimos isto! – permanecerá uma afirmação abstrata e falaremos do Tu de modo “devoto” e anexado à vida. Quantas vezes nestes anos cada um de nós deve ter dito: “Eu sou tu-que-me-fazes”, ou: “Para dizer ‘eu’ preciso de implicar um outro”! Porque é que o facto de eu existir deve implicar um Tu que me faz? Porque é que a irredutibilidade é sinal de um Outro? Porque é que o filho é sinal de um Outro? Porque é que o marido é sinal de um Outro? Porque ninguém se faz por si! Então, podes ficar tranquila, amiga que interviste no início: o abraço d’Ele não é sentimental, porque tu não podes inventá-lo, nem pode ser reduzido a sentimentalismo. Tu foste abraçada pelo facto que existes. Por isso, fui procurar – para concluir – em *Na origem da pretensão cristã*, uma expressão que muitas vezes nos pareceu estranha. Don Giussani diz: “A companhia está no eu”. Esta Presença é a única que pode eliminar a solidão, porque a irredutibilidade do grito só encontra resposta adequada na descoberta do Ser como amor que se doa continuamente a Si mesmo dando-me o ser. Atenção ao que Giussani diz: “Toda a amizade humana é reflexo da estrutura original do ser, e se o nega põe em risco a sua verdade” (*Na origem da pretensão cristã*. Lisboa, Verbo 2002, p. 104). Giussani conclui esta passagem dizendo que quando alguém toma consciência disto, então, reza verdadeiramente. Muitas vezes pensamos na oração como alternativa à razão, e vice-versa. Mas Giussani, no décimo capítulo d’*O sentido religioso*, faz todo o percurso desde o espanto pela existência das coisas e do eu até chegar ao Tu – é isso o que significa “viver sempre intensamente o real” –, e só no fim fala da oração. A oração não é a negação da razão, mas é o reconhecimento último da realidade por parte de uma razão que, tendo descoberto o Tu, se pode dirigir a Ele não como algo pensado por si, algo inventado, algo de que se autoconvence, algo sentimental. Não existiria o Tu se não existisse eu que, com a minha própria vida, documento que está a fazer-me agora. “Eu sou tu-que-me-fazes”.

“Por isso, o mais alto vértice da oração não é o êxtase, que é uma consciência do fundo de tal ordem que se perde o sentido do habitual, mas antes ver o fundo como se veem as coisas habituais”. (*Na origem da pretensão cristã*, op. cit., p. 104).

Este é o desejo para este verão: que se torne realmente familiar “ver o fundo como se veem as coisas habituais”.

Escola de Comunidade. Não podendo fazer as férias comunitárias este ano, decidimos acompanhar-nos acrescentando um encontro de Escola de Comunidade em julho, para uma ajuda ao caminho neste período de verão.

A próxima Escola de Comunidade terá lugar na quarta-feira, 15 de julho às 21h00, por videoconferência, como esta noite. Será sobre o 2º capítulo do livro que estou a acabar (a *Introdução*, que trabalhamos neste período, vai corresponder ao 1º capítulo do livro) a partir dos conteúdos sobre os quais tinha começado a refletir com vista aos Exercícios da Fraternidade que tivemos que cancelar por causa do *lockdown*. Este capítulo estará disponível no site de CL a partir de segunda-feira, 22 de junho.

O livro, que terá como título *O brilho dos olhos. O que nos arranca do nada?* Será publicado pela Editrice Nuovo Mondo (em italiano) e será disponibilizado com a Tracce de julho/agosto.

No início de julho estará também disponível para aquisição em papel e e-book. Escolhemos o formato de livro pela evidência percebida de que o que vivemos e dizemos é interessante e útil também para os outros (e não só para nós, como temos visto com *O despertar do humano*). Com o livro será mais fácil divulgá-lo a todos.

Férias de verão. Como dissemos na última vez, a circunstância atual não nos permite propor o gesto de férias comunitárias, tal como também para outros encontros é necessário levar em consideração a indicação das autoridades de não criar ajuntamentos.

Esperamos que o verão possa ser uma oportunidade para que cada um de nós aproveite a experiência vivida nos meses de quarentena, durante os quais nos propusemos “viver intensamente o real”, uma proposta que também se aplica aos próximos meses, quando provavelmente teremos mais tempo livre. *Don* Giussani falava aos jovens (mas a sua chamada de atenção é válida para todos, velhos e novos) sobre as férias como o tempo da liberdade: “as férias são o tempo mais nobre do ano, porque é o momento em que uma pessoa se compromete como quer com o valor que reconhece como predominante na sua vida, ou então não se compromete de maneira nenhuma com nada e então [...], é tola. Isto quer dizer que as férias são uma coisa importante”. E dava duas indicações preciosas para viver este tempo: “Em primeiro lugar, isto implica atenção na escolha da companhia e do local, mas sobretudo tem a ver com o modo como se vive: se as férias nunca te recordam aquilo que mais gostavas de lembrar, se não te fazem ser melhor em relação aos outros, mas te tornam mais instintivo, se não te fazem aprender a contemplar a natureza com uma intenção profunda, se não te fazem oferecer um sacrifício com alegria, o tempo do descanso não cumpre o seu objetivo. As férias devem ser o mais livres possível”

(L. Giussani, “O tempo da liberdade”)

Se aceitarmos esta proposta, tenho a certeza de que será um ganho humano para cada um de nós e para aqueles que nos encontrarem.

Propomos dois livros para o verão:

O primeiro é: *Un avvenimento nella vita dell'uomo*, de Luigi Giussani (quarto volume da série Bur Rizzoli, que reúne os textos dos Exercícios da Fraternidade de 1991 a 1993).

Neste livro, *don* Giussani ajuda-nos a perceber o alcance do cristianismo para a vida humana, mesmo numa época dominada pelo niilismo como a nossa. *Don* Giussani já havia profeticamente apreendido muitos dos seus traços específicos e, neste contexto, mostra-nos o acontecimento de Cristo que se propõe como novidade, que chega até aos homens do nosso tempo através de um encontro humano que ilumina e muda radicalmente a vida, transformando-a numa experiência de positividade irreduzível e, em última instância, de alegria.

O segundo livro é um romance: *A túnica*, do escritor americano Lloyd C. Douglas [Ed. Minerva]. O romance conta a história do tribuno romano que tem de executar a sentença de morte de Jesus, e que ganha aos dados a Sua túnica. Este facto será para ele uma provocação. Começa uma longa viagem em busca dos lugares e amigos frequentados por Jesus, e a sua história entrelaça-se com a história dos primeiros cristãos, com quem começará uma amizade. A fé em Jesus, hipótese sempre rejeitada anteriormente, torna-se razoável na convivência com os seus amigos, num caminho humano em que todas as histórias que ouve e aquilo que vê são submetidas ao exame da sua razão, razão que floresce no relacionamento com aqueles homens. Este texto lembra como *don* Giussani descreve a experiência que vivemos no livro *L'uomo e il suo destino*: "A comunidade da Igreja é [...] a veste dessa Presença, como para as crianças pequenas à sua volta era a veste de Jesus. [...] Analogamente, para nós Jesus faz-se sensível, torna-se perceptível, na comunidade eclesial, como se esta fosse a veste através da qual a nossa

pequenez se relaciona com a sua presença real"(L. Giussani, Marietti, Genova 1999, pp. 38-39).

O Início de Ano terá lugar na tarde de sábado, 26 de setembro, por meio de videoconferência. Ainda não será possível reunir-nos em assembleia, como nos anos anteriores, em um ou mais pontos em cada região. Se as regras permitirem, poderão segui-la juntos, mas apenas em pequenos grupos. No início de setembro daremos informação sobre os procedimentos a seguir para a ligação.

O Meeting de Rimini realiza-se de 18 a 23 de agosto com eventos transmitidos nos canais digitais. Todos podem contribuir para a construção e realização do Meeting numa nova forma, colaborando com os vários departamentos ou na comunicação nas redes sociais. Para esta colaboração podem inscrever-se no site do Meeting até o dia 30 de junho.

Veni Sancte Spiritus

Boa noite a todos.